

COMO CONHECI O DR. HULFF

Depois de minha primeira ida ao hospital, fiquei alguns dias sem voltar àquele lugar, porque nessa época, eu ainda não dominava totalmente minhas saídas conscientes da matéria. Havia dias em que eu, muito embora soubesse que estava fora do meu corpo físico, não conseguia dominar o raciocínio e nem a minha visão. Quando isto acontecia, era comum esquecer o assunto de minhas conversas com o professor. Também em razão da falta de controle sobre a visão, a imagem do local em que eu me encontrava, às vezes desaparecia, ficando tudo escuro, ou, então, essas mesmas imagens começavam a se movimentar, como se estivessem balançando, e isto me tirava a atenção e me confundia bastante. Porém, quando o professor percebia que eu estava com controle de todos os meus sentidos, minhas aulas continuavam.

Quando finalmente voltamos àquele hospital, talvez uns dez dias após nossa primeira visita, paramos novamente no pátio em frente ao prédio. Ali o professor me perguntou que lugar era aquele e o que tinha lá dentro. Respondi-lhe que ali era um hospital e que ele já me havia levado para visitá-lo uma vez. Não estranhei esta pergunta. Este era um comportamento normal da parte dele. Sempre que voltávamos a um mesmo local, ele me fazia repetir tudo o que havia acontecido da vez anterior. Dizia ele que isto era para fortalecer as lembranças e facilitar o entendimento.

Caminhamos então para a entrada do prédio. Quando chegamos à recepção, ele, dessa vez, me levou junto ao balcão para pegar a ficha. Então eu o ouvi se apresentar. Primeiro disse seu nome, depois disse:

— “Fui indicado para representar uma nova linha de trabalho que Karran está iniciando com ela”.

Com a ficha na mão, caminhamos para o corredor. Depois de passarmos pela porta transparente, ele tornou a entregar a ficha para o senhor que ali ficava sentado. Dessa vez o professor me levou a uma sala que eu não conhecera da vez anterior. Nessa sala havia vários médicos. Fui apresentada a todos, mas, a um deles,



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

em especial. O professor me disse que ele se chamava Hulff e que era o médico responsável por uma das equipes que trabalhava naquele hospital.

Para mim esse foi um momento bastante emocionante, porque era a primeira vez que eu estava sendo apresentada pelo professor a alguém fora da matéria. É bom lembrar aqui que essa não foi a primeira vez que eu vi e conversei com pessoas diferentes, porém, foi a primeira vez que eu fui apresentada a alguém e soube o seu nome. Por esta razão, esse momento foi, e continua sendo, um dos muitos momentos importantes do meu aprendizado fora do meu corpo físico.

Após as apresentações, o professor explicou ao Dr. Hulff o motivo pelo qual eu estava com ele e também porque eu estava no hospital. Dr. Hulff conversou um pouco comigo. Acho que para saber como estava, naquele momento, meu nível de raciocínio e de entendimento. Também percebeu logo que eu não tinha nenhum entendimento sobre medicina. Foi por isso que ele resolveu que a melhor maneira para eu aprender seria acompanhar os trabalhos, sempre que me fosse possível. Em seguida o Dr. Hulff convidou a mim e ao professor para acompanhá-lo ao ambulatório. Quando lá chegamos, vi que todas as pessoas que ali estavam, excetuando-se os médicos e as enfermeiras, tinham acabado de perder a matéria. Estavam tendo, naquele momento, os primeiros atendimentos após a perda do corpo físico. Dr. Hulff me disse que todos os médicos que atendem no ambulatório são clínicos gerais e que todos fizeram medicina na nossa frequência física. Continuou me explicando que ali era definida a causa mortis e que, depois dessa definição, as pessoas eram encaminhadas para as equipes especializadas em cada caso. Para que eu pudesse ter melhor entendimento do que estava me dizendo, pegou algumas fichas já prontas e foi conversar com cada uma das pessoas que estavam registradas naquelas fichas.

Por estar com as fichas, ao chegar perto de um paciente já o chamava pelo nome. Fazia-lhe então estas perguntas: -O que aconteceu com você? – O que lhe trouxe aqui? Enquanto a pessoa respondia, ele usava o estetoscópio como se estivesse ouvindo seu coração. Tirava a pressão. Depois apertava várias partes do corpo do paciente e perguntava se estava doendo. Depois ele perguntava se a pessoa sabia onde morava. Qual o nome de seus parentes mais próximos, como pai, mãe, marido ou mulher, e também a pergunta principal: se a pessoa sabia o nome daquele hospital e onde ele ficava. Percebi que qualquer que fosse o nome que a



pessoa desse para o hospital, ele concordava. Agia da mesma forma em relação a sua localização. Quando já estávamos voltando, fiz-lhe esta pergunta:

— Dr. Hulff, por que estava concordando com as pessoas quando elas diziam o nome e endereço deste hospital errados? Eu não ouvi nenhuma delas responder corretamente a esta pergunta.

— “Para aquelas pessoas que acabaram de chegar, este hospital pode ter o nome e o endereço que elas quiserem. Somente depois que elas, com a nossa ajuda, se livrarem das sensações da matéria física, é que teremos meios de mostrar-lhes que este hospital não existe no plano físico. Assim com também elas não mais fazem parte dele — respondeu ele”.

Eu queria fazer mais perguntas, porém o professor me disse que eu não deveria, pois era necessário que assimilasse uma coisa de cada vez.

Depois, por que a pressa? Como ser humano eu fazia parte da eternidade, portanto, tempo para aprender não me iria faltar.

O professor despediu-se do Dr. Hulff. Eu fiz o mesmo.

Então, eu e o professor voltamos pelo mesmo caminho, até sairmos do prédio. Quando já estávamos do lado de fora, eu disse para o professor que estava muito emocionada. Mais uma vez sua resposta me impressionou.

Ele estava pedindo que tentasse me controlar ao retornar para a matéria, porque aquela emoção que eu estava sentindo, tinha sido motivada fora da frequência física. Portanto, era uma emoção muito forte e diferente, e que isto podia assustar a minha matéria. Disse-me ainda que isto não era bom, porque uma matéria assustada pode dificultar nossa consciência quando estamos nela.

Depois desta explicação ele me trouxe para o meu corpo físico.



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br